

NOVALIS: A DIVINIZAÇÃO DA NATUREZA
NOVALIS: THE DIVINIZATION OF NATURE

Alexandre de Melo ANDRADE¹

RESUMO: Novalis integrou o grupo que se formou em torno da revista *Athenäum*, em Jena, no final do século XVIII. Leitor de uma tradição romântica que se estabelecia na Alemanha, o poeta teve projeção significativa na arte e no pensamento dos vários romantismos, principalmente no que diz respeito à abordagem de uma natureza divinizada e de uma linguagem altamente poética, mesmo no texto em prosa. Neste artigo, trataremos do tema da natureza na obra de Novalis, principalmente em *Os discípulos em Saïs*.

PALAVRAS-CHAVE: Novalis; Natureza; Poesia; Romantismo.

ABSTRACT: Novalis joined the group that formed around the magazine *Athenäum*, in Jena, in the late eighteenth century. A reader of a romantic tradition established in Germany, the poet had a significant projection in the art and thought of the various romanticisms, especially as regarding the approach to a divinized nature and a highly poetic language, even in the prose text. In this article, we will deal with the theme of nature in Novalis' work, especially in *Os discípulos em Saïs*.

KEYWORDS: Novalis; Nature; Poetry; Romanticism.

Nas origens do movimento romântico é possível encontrar aspectos basilares para a compreensão dos modos como se deu a relação entre o poeta e a natureza, ou a poesia e as formas elementares do universo natural. Na Inglaterra e na Alemanha, principalmente, houve um diálogo permanente entre as obras literárias, que alcançaram certo estatuto filosófico, e a filosofia, que se aproximou da metáfora poética para a expressão dos ideais pertinentes ao período.

De importância extrema para os romantismos foi a obra de James Macpherson (1736-1796), que pertenceu à fase do Pré-Romantismo europeu. Inspirado por Robert Blair e James Thompson, o escocês introduziu aspectos que seriam conhecidos por ossianismo², entendidos, *grosso modo*, como manifestação intensa do sentimento da natureza associado a estados da alma, culto à amizade, sentimento patriótico e ideais de liberdade. No Brasil, muitos de seus textos foram traduzidos, graças ao empenho de escritores como José Bonifácio, Francisco Otaviano, Ferreira de Menezes e Fagundes

¹ Doutorado em Letras/Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Professor Adjunto de Teoria Literária na UFS/São Cristóvão – Sergipe (Departamento de Letras Vernáculas – Centro de Educação e Ciências Humanas). Email: alexandremelo06@uol.com.br.

² A denominação implica a aproximação entre a obra de Macpherson e os manuscritos de Ossian, que viveu no século III. Dessa relação surgiram as mais acaloradas polêmicas do movimento romântico, motivadas pela dúvida acerca da autenticidade dos textos do poeta escocês.

Varela. Dentre os poetas, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Gonçalves Dias são os que mais demonstram diálogo com o ossianismo.

Em estudo sobre a presença de Ossian no Brasil, Ofir Bergemann de Aguiar afirma que

Ossian foi o intérprete do sentimento profundo dos grandes aspectos da natureza, da emoção poética diante dos astros e da solidão melancólica. A paisagem noturna, repleta de torrentes, ventos, pântanos, montanhas, névoas e nuvens, representou a característica mais atraente. (1999, p. 33).

Os textos ossiânicos, que praticam a fusão dos gêneros³ – tão apreciada pelo Romantismo –, desenvolvem com profundidade as fantasmagorias, o mistério e o forte apego à natureza, especialmente à natureza noturna, ecoando de forma evidente na obra do romântico Álvares de Azevedo, como se pode perceber pelas várias citações que o poeta brasileiro faz ao bardo escocês em sua própria obra. Não há dúvida de que

[...] a paisagem brumosa e mística é o traço ossiânico mais atraente para esse representante do ‘mal do século’. [...] Ossian teve papel relevante na escolha das sombras, do crepúsculo, da noite e dos túmulos como elementos dominantes da obra poética de Álvares de Azevedo. (AGUIAR, 1999, p. 69; aspas do autor).

É importante deizer que Edward Young (1683-1765), anterior a Ossian, foi considerado um precursor dos temas da natureza – principalmente dos temas noturnos do Romantismo. Embora ainda parcialmente ligado à poesia de Pope, Young tornou-se popular através da obra *Night Thoughts* – escrita sob nove cantos –, onde associa a noite à melancolia, a Deus e ao destino, impondo a estes elementos uma sensibilidade pessimista e reflexiva. O poeta tinha “[...] prazer em evocar imagens de noite, morte, túmulo, cemitério, putrefação [...] e disso também são provenientes as súbitas explosões de anarquismo moral” (CARPEAUX, 1980, p. 940). Seus versos ecoaram na obra, por exemplo, de Robert Blair e de Novalis, além de ter contribuído de forma ímpar para o próprio desenvolvimento do Pré-Romantismo alemão⁴.

³ Macpherson cultivava a prosa poética.

⁴ Sobre a importância de Young para o Romantismo alemão, diz Carpeaux (1980, p. 941; aspas do autor): “Ao sucesso na Inglaterra corresponde, pelos mesmos motivos, o muito maior sucesso internacional de Young. É muito marcada a sua influência na Alemanha, nas obras de filosofia moral de Gellert, nas odes religiosas de Klopstock, nos romances sentimentais de Miller, e até no *Werther*, de Goethe. E isto não é tudo: as idéias de Young sobre originalidade literária e sobre Homero e Shakespeare exerceram na

As obras de Goethe e Schiller, situadas neste período, estabelecem um vínculo significativo, e até mesmo determinante, para as relações entre natureza, poesia, liberdade e estética, que se tornaram pilares da filosofia e da literatura românticas, atingindo sobremaneira os aspectos matriciais da obra de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg, cujo pseudônimo era Novalis (1772-1801).

Toda a produção literária de Novalis possui estreita relação com a natureza. Para ele, a natureza, muito além de ser apenas um mecanismo das formas naturais, faz parte de um processo interno ao homem, proporcionando uma relação dialógica com ele. No seu dar-se, a natureza impregna a realidade humana, revela uma espiritualidade inerente ao homem, impulsionando-o a uma volta a si mesmo para reconhecer em si o que é manifestado por ela. A natureza é, de acordo com Novalis, o “[...] plano enciclopédico, sistemático do nosso espírito” (NOVALIS *apud* NUNES, 1993, p. 65).

O escritor dos *Hinos à Noite* defende a proposição de Deus na natureza; a natureza deve harmonizar-se à ideia de Deus, tornando-se, assim, moral. Como “[...] para Novalis, a Natureza é a árvore da qual somos as flores em botão” (NUNES, 1993, p. 66), sua divinização passa por nós, que nos responsabilizamos por espiritualizar o universo, atribuindo a ele as categorias das formas abstratas também inerentes a nós.

Essa realidade teofânica da natureza é perceptível, segundo Novalis, ao poeta, que intui a divindade nela e persegue essa harmonia por meio das palavras. A imaginação poética aproxima-se do sagrado (união de Deus com a natureza) e traz dele as metáforas expressivas de um mundo harmônico, do que resulta o reencantamento das formas naturais. Não nos admiremos que nos papéis póstumos de Novalis se encontrassem fragmentos de uma filosofia da natureza. Ele considera que o espírito evocado pela imaginação é também o espírito do próprio homem; o poeta seria um “médico transcendental redentor da natureza” (NOVALIS *apud* ROSENFELD, 1985, p. 167), e a arte a morada onde a própria natureza encontra sua verdade. Sobre essa relação entre poesia e natureza em Novalis, Adolphe Bossert diz:

A poética de Novalis é a consequência de sua psicologia. Ela tem, no fim das contas, uma única necessidade moral que se exprime de diversas maneiras: é uma necessidade maravilhosa. Sua poética também resulta daí. Ela vê na alma disposições profundas, inomináveis, imperceptíveis, que não pertencem a nenhuma faculdade, e que constituem nossa

Alemanha influência tão profunda que se pode dizer que sem Young a literatura alemã do pré-romantismo e de Weimar não teria sido o que foi. Em certo sentido, um elemento característico da mentalidade alemã, a busca de originalidade ‘titânica’, encontrou em Young o primeiro apoio teórico”.

existência íntima. Estas são as disposições que a poesia deve despertar em nós. A poesia é uma língua interior, uma conversação da alma com ela mesma. (2015, p. 156).

Anatol Rosenfeld chama a atenção (1985, p. 167) para a remitização da natureza, processo do qual o idealismo mágico novalisiano é parte necessária. A analogia, muito discutida pelos teóricos do Romantismo, resulta dessa natureza animada que corresponde a um estado interior e espiritual maior que a realidade visível. Trata-se, aqui, do poeta mago, que decifra os mistérios da natureza e afina-se a ela metafórica e sinestésicamente. Em Novalis, a poesia revela o sentido oculto da natureza, e o poeta se vê como aquele que reconhece o encantamento.

Na sua obra *Os Discípulos em Saïs*, Novalis dedica-se a expor, de forma poética e reflexiva, a ligação íntima entre homem e natureza. O Mestre, fundido totalmente na natureza, mostra aos seus discípulos a forma ideal de se viver; ele participa da rotação de todas as coisas no universo, obedece à harmonia entre os elementos, dos quais não se dissocia, conforme percebemos na passagem:

Não tardou a verificar as **combinações que uniam todas as coisas**, as semelhanças, as coincidências. Pouco depois já não via nada isoladamente. As percepções dos seus sentidos concentravam-se em fartas e variadas imagens. Ouvia, via, tocava e pensava ao mesmo tempo. Comprazia-se em **reunir coisas díspares**. Ora as estrelas lhe pareciam homens, ora os homens lhe pareciam estrelas; as pedras, animais; e as nuvens, plantas. Brincava com as forças e os fenômenos. (NOVALIS, 1989, p. 33; grifo nosso).

O eu, associado diretamente à natureza, percebe-se integrante da totalidade universal, quando tudo se corresponde. Löwy e Sayre denominam essa qualidade romântica de “reencantamento da natureza”, afirmando que “[...] é um tema inesgotável da poesia e pintura românticas que não deixam de procurar as **analogias misteriosas** e as ‘correspondências’ [...] entre alma e natureza, espírito e paisagem [...]” (1995, p. 54; grifo nosso e aspas do autor). Ernst Cassirer considera que essas analogias são provenientes do uso metafórico da linguagem e concorrem para a unidade e para o mito, pois a metáfora seria “[...] o vínculo intelectual entre a linguagem e o mito” (2006, p. 102). Para o teórico, nestas combinações que unificam todas as partes, conforme exposto por Novalis no trecho acima, há “[...] uma lei que se poderia chamar de nivelção e extinção das diferenças específicas, pois cada parte do todo se apresenta como este mesmo todo [...]” (2006, p. 109).

A missão do Mestre, n*Os Discípulos em Saís*, é reconduzir seus discípulos à origem criadora, ao primitivismo natural e sagrado, ao estado de harmonia proporcionado pela fusão entre o eu a natureza. Segundo a voz do narrador em primeira pessoa, o Mestre “[...] quer ver-nos seguir o nosso próprio caminho, pois não há senda ignorada que não atravesse novas regiões e não acabe por levar-nos às moradas, à **pátria sagrada**” (1989, p. 37; grifo nosso). Essa pátria sagrada corresponde, em conformidade com a filosofia de Schiller e Schelling, ao passado, ao tempo anterior à cultura, mas também ao tempo futuro, para onde caminhamos depois do conhecimento e do progresso civilizatório. Os discípulos, em Saís, observando o Mestre, reconhecem o caminho de volta à natureza e partem em sua direção; nesse trajeto em busca do mistério, reaprendem a utilizar os seus sentidos, há muito submetidos aos mecanicismos da vida “prática”.

O segundo capítulo, todo destinado à natureza, corresponde a uma verdadeira aula sobre a educação dos sentidos; há um discurso mitopoético sobre a relação entre o homem e as forças naturais. A paisagem encantadora se sobrepõe a qualquer lógica; as explicações científicas perdem valor mediante um universo que vibra. Agora, os discípulos se deparam “[...] com lendas e poemas cheios de imagens notáveis [...]” (1989, p. 41). O discípulo narrador institui o primado da poesia, pois ela é “[...] o instrumento favorito do amigo da Natureza; e nos poemas é que mais claramente surgiu o seu espírito” (1989, p. 41). É na poesia que ocorre a vibração. Segundo Novalis, ouvindo-a, lendo-a, sentimos uma natureza que pulsa, tanto nas palavras como no nosso íntimo; ela diz a linguagem do universo, analógica, similar ao universo interno de cada homem; ela (re)vela o que está oculto, e por isso excita os sentidos.

A natureza, azulada⁵, esconde o passado e o futuro: os tempos de juventude, a infância, a família e também um paraíso vindouro, “[...] a transbordar de vida, estendendo mãos impacientes a um mundo novo” (1989, p. 43). Muitos poetas cantaram esses tempos distantes, ora por meio do saudosismo, ora por meio da utopia. Em ambos os casos, a natureza é sinônimo de prazer e de harmonia. Segundo o discípulo, há duas maneiras de contemplá-la: “Enquanto a sua experiência, para uns, é banquete ou festa, para outros converte-se em religião fervorosa [...]” (1989, p. 44). Os poetas exploraram muito essas duas formas de contemplação, mas só os românticos fizeram da Natureza uma verdadeira religião, o significado de toda a vida. Os aspectos diurnos de Cesário Verde e os aspectos

⁵ “Formas azuladas” é uma expressão comum em Novalis, fruto do seu reencantamento do mundo. O mito da “flor azul”, no escritor romântico, tornou-se o símbolo da beleza primordial a que se deseja e se busca por meio de uma realidade transcendente.

solares de Antero de Quental⁶ nada têm a ver com os aspectos primaveris e cálidos dos românticos; a natureza idílica dos árcades dá suporte ao cenário perfeito desejado, mas não atinge a realidade evanescente⁷ dos poetas vindouros.

Para Novalis, a natureza está sempre ligada ao universo do artista, pois a arte vislumbra os mistérios do mundo natural e mantém com ele relações intensas, a ponto de ser ela mesma a própria materialização da vibração desse mundo. O leitor de poesia, dessa forma, é aquele que encontra os “tesouros indizíveis”, que contempla a maravilha do universo, como a criança que descobre o mundo contemplando as formas físicas da natureza, admirada com o que vê.

Assim como Rousseau, Novalis acredita que o mundo agitado das coisas visíveis distancia o homem de si próprio, da sua natureza, pois dentro de si, “[...] no fundo desta fonte, vive um mundo mais puro” (1989, p. 51). O mundo da agitação atrofia os sentidos humanos, e a natureza nos redireciona a eles. Essa volta à natureza, para o autor dos *Hinos à Noite*, eleva-nos à tranqüilidade, à calma, sem que nenhum “sonho febril” nos oprima. Dessa forma, entendemos que, para ele, o mundo das relações materiais corresponde ao mundo das paixões, da angústia, isento do próprio sentido da essência humana. Assim como Schelling, Novalis pergunta: “Será possível que não reconheçam na Natureza a fiel cópia de si próprios?” (1989, p. 51), e concorda com os demais pensadores do período quando diz que “Sozinhos se consomem no deserto do pensamento” (1989, p. 51). Pensamento tem, aqui, o mesmo valor do entendimento reflexionante exposto na teoria de Schiller sobre a poesia sentimental⁸.

Ainda n^{Os} *Discípulos em Saís*, Novalis introduz a narrativa de Jacinto, homem bondoso, mas estranho, que gostava do contato com a natureza e conversava com árvores e pedras. Mantinha uma relação dialógica com o universo à sua volta: “O ganso contava histórias, o riacho murmurava uma balada; uma grande pedra dava um salto ridículo, a rosa perseguia-o amistosamente e entrançava-se no seu cabelo; a hera acariciava-lhe a pensativa frente” (p. 54). Uma donzela, chamada Botãozinho de Rosa, amava-o com

⁶ Ambos são poetas portugueses do século XIX. Em Cesário Verde, a natureza é entrevista de forma mais prosaica, e em Antero de Quental, os aspectos solares – bastante explorados – intentam uma visão de mundo marcada pela força e pela coragem.

⁷ Benedito Nunes associa, em *A Visão Romântica*, Natureza e realidade evanescente. Para ele, essa relação “[...] se enquadra num confronto dramático do indivíduo com o mundo” (1993, p. 64).

⁸ Tanto em *Poesia Ingênua e Sentimental* quanto em *A Educação Estética do Homem*, Schiller argumenta que a modernidade é composta pela fragmentação humana, referindo-se ao afastamento que ocorreu, por via do intelecto, em relação à natureza. Neste sentido, entendimento reflexionante diz respeito à atividade civilizatória que promove as próprias contradições da existência e impulsionam o homem a uma tentativa de resgate da natureza primordial.

ternura, e ele a queria com paixão. Um forasteiro, recém-chegado, aproximara-se de Jacinto, contando-lhe sobre terras distantes, de coisas milagrosas. Embecendo-se das palavras dele, Jacinto esqueceu-se da Botãozinho de Rosa e de seu mundo. Mas o forasteiro, antes de partir, deixara-lhe um livro. Jacinto seguiu sua vida, mas agora fechado nos seus pensamentos; a perda da saúde fez com que a velha do bosque atirasse o livro ao fogo, pedindo-lhe que viesse pedir bênção ao pai. Jacinto reconhece, então, que perdera a paz, que seus pensamentos se interpõem numa torrente interminável, distanciando-o do seu coração e do amor. Um dia, Jacinto volta a compreender o que as flores lhe dizem; restabelece seu diálogo com a natureza, encontra a “virgem celestial” e entrega-se ao amor da Botãozinho de Rosa.

Essa oposição entre o livro e a natureza é aparente em muitos textos do Romantismo. Em “Carta a Augusta”, de Byron, o eu lírico expõe seus sentimentos resguardados e reclama de uma solidão dilacerante; na estrofe VII, reconhecendo a má influência da cultura, diz:

*I feel almost at times as I have felt
In happy childhood; trees, and flowers, and brooks,
Which do remember me of where I dwelt
Ere my young mind was sacrificed to books,
[...]*

Às vezes quase sinto como eu me sentia
Na infância; árvores, flores, riachos a correr,
Que me relembram do lugar onde eu vivia
Antes de em livros minha mente se perder,
[...]
(1989, p. 128-129)

A narrativa da vida de Jacinto institui três tempos. O primeiro é o tempo do contato direto e infantil com a natureza, quando Jacinto é feliz e vive como um elemento da natureza em diálogo constante com as outras formas naturais. O segundo surge com a vinda do forasteiro e marca o tempo da consciência; é quando Jacinto, contemplando terras longínquas, ideais igualmente distantes, rompe com seu estado de integração com a natureza; o livro, entregue pelo amigo, instaura em seu espírito a “especulação”, a reflexão, o conhecimento, do que resulta a melancolia. O terceiro é a sua reintegração com a natureza, quando volta a compreender as formas naturais e estabelece com elas um contato contínuo e harmonioso. Essa passagem da natureza para a reflexão corresponderia, na teoria de Schiller, à passagem de “ingênuo” para “sentimental”,

conforme já aludido, e a busca pela “virgem celestial” seria o impulso para voltar a ser natureza, depois de percorrido o processo civilizatório.

Para Novalis, a natureza possui espírito, e o poeta é o único que consegue senti-lo. O homem é o próprio rio quando o contempla, é a planta quando a olha com tranquilidade, entende os animais quando é selvagem ou jovial criança, torna-se estrela quando lhe compreende. Compreender a natureza é “[...] distingui-la e reconhecê-la espontaneamente em tudo [...]” (p. 75). Dessa relação resultam as inesgotáveis alegrias, os prazeres, a volúpia e o naturalismo religioso.

Nos discípulos em Saïs, obra de grande testemunho da natureza divinizada, Novalis usa termos da própria religião para falar de mundo natural: Mestre, discípulos, religião, fé, evangelho, alma, mistério etc. Todo esse vocabulário místico eleva o texto à condição doutrinária e a natureza à condição de santuário, de devoção e mistérios múltiplos, tão disseminados pela arte romântica.

A retomada de todas estas abordagens filosóficas e literárias acerca da natureza ganha relevância quando percebemos a exploração incisiva que os românticos fizeram dos elementos da vida natural, entendendo-a ora como prolongamento das sensações intrínsecas ao escritor, ora como um “[...] lugar de refúgio, puro, não contaminado pela sociedade, lugar de cura física e espiritual” (COUTINHO, 2004, p. 9). A poesia do Romantismo, marcada por dilaceramentos, angústia e temperamentos contraditórios, ocupa-se da natureza como principal fonte de mediatização desses sentimentos.

O Romantismo brasileiro, que absorveu alguns aspectos dos romantismos alemão, inglês e francês⁹, assumiu vertentes que foram condizentes com sua situação histórica, e, diferentemente do alemão, que “[...] luta por modificar uma realidade estabelecida e já obsoleta [...]”, deseja “[...] descobrir e criar uma nova realidade” (VOLOBUEF, 1999, p. 29).

Nos seus *Hinos à Noite* – obra que aparece em 1800 na revista *Athenäum* –, Novalis faz verdadeira apologia à noite com seus mistérios. No primeiro canto da obra, a

⁹ Álvares de Azevedo e Castro Alves, por exemplo, foram leitores de Byron e traduziram textos do poeta inglês no Brasil; muitos de seus poemas carregam marcas acentuadas desse romantismo byroniano. Azevedo, tradutor também de Alfred de Musset, despertou os olhares da crítica brasileira a respeito dos pontos de contato entre seus textos e os do romântico francês. Não há dúvida de que a poesia de Álvares de Azevedo é a que, no Brasil, mais reafirma os vínculos entre o nosso Romantismo e o Romantismo europeu. Faz-se necessário dizer, ainda, que os aspectos da natureza aparentes na poesia azevediana não são apenas inserções do que o poeta lia nos escritores estrangeiros; seu próprio pendor poético, de cunho introspectivo e soturno – bem representativo do subjetivismo egocêntrico –, inevitavelmente tocava nos propósitos dos mais variados romantismos que igualmente abordavam tibieza moral e física.

noite é vista como escuridão criadora, é uma integração entre o eu e o universo e, por isso mesmo, é inefável, sagrada, misteriosa. No segundo canto, opondo a noite ao dia, o poeta diz que a noite afugenta as dimensões encerradas pela claridade do dia. No terceiro, entende que a noite traz a sensação do nascer de novo, pois corresponde à liberdade da alma e afugenta a melancolia (conforme expõe também no primeiro canto). Eliminando as dicotomias da existência, o poeta assim se refere à noite:

Foi-se o esplendor da terra e, com ele, minha desolação – a melancolia fundiu-se em um mundo novo, insondável – ó doce êxtase da Noite, sonho do céu, vieste sobre mim – a paisagem no ar se elevando mansamente; e acima dela flutuava meu espírito, livre de liames, nascido de novo. (1987, p. 39).

No quarto canto, Novalis reforça a unidade proposta pela noite, fundamentada pela fusão com o Amor. Lembrando-nos o dizer de Otavio Paz, o poeta associa a noite à grande mãe para onde o filho retorna. Dessa forma, a noite se liga a uma morte, a um tempo isento das contradições, conforme aparece neste trecho do poema que compõe o referido canto da obra de Novalis:

[...]
 Eu sinto da morte
 A onda que rejuvenesce,
 Em bálsamo e éter
 Meu sangue se converte.
 Vivo durante o dia
 Cheio de ânimo e fé
 E à noite eu morro
 Com sagrado fervor.
 (1987, p. 43)

No último canto, Novalis fala de uma noite que inspira religiosidade, que se liga aos grandes mistérios e às revelações, conforme observamos na passagem: “A Noite tornou-se o portentoso âmago das revelações – para onde os deuses retornaram e adormeceram, e então ressurgir mais tarde sob formas novas e mais belas após a transfiguração do mundo” (1987, p. 47).

Conhecidos pela intensa sagração à noite, os *Hinos à Noite* se tornaram uma verdadeira Profissão de Fé à noite dos românticos. A devoção à noite com seus mistérios e com sua progressiva inspiração nos faz pensar na noite como sentimento da própria poesia. Assim como nos *Discípulos em Saís*, a obra em questão descerra as sombras da

noite por meio da possibilidade de absorção das formas essenciais; o culto à natureza pode ser visto, assim, como religiosidade novalisiana. A poesia é, então, templo sagrado que nos (re)liga à natureza divina.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Ossian no Brasil*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.
- BOSSERT, Adolphe. Le Romantisme – Novalis. Trad. Marquessuel Dantas de Souza. *Revista Dialectus*. n. 7. p. 151-159, 2015.
- BYRON. *Poesias de Lorde Byron*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Art Editora, 1989.
- CARPEAUX, Otto Maria. O Pré-Romantismo. In: _____. *História da literatura ocidental* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Alhambra, 1980. p. 913-1016.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo. (Diretores). *A Literatura no Brasil – Era Romântica*. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004 (vol. 3).
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: O romantismo na contramão da modernidade*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- NOVALIS. *Hinos à Noite*. Trad. Nilton N. Okamoto e Paulo Allegrini. São Paulo: A Esfinge Editorial, 1987.
- _____. *Os discípulos em Saïs*. Tradução de Luís Bruhein. Lisboa / Rio de Janeiro: Hiena, 1989.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 51-74.
- ROSENFELD, Anatol. Aspectos do Romantismo alemão. In: _____. *Texto / Contexto*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 147-171.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas. A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. p. 35 a 155.